



Faculdades Integradas de Taquara - Faccat
Av. Oscar Martins Rangel, 4.500
Taquara, RS, CEP 95600-000

Curso de Ciências Contábeis

Impactos da pandemia do coronavírus: análise econômico-financeira e social em empresas calçadistas do Vale do Paranhana/RS¹

Kélim Bernardes Sprenger²

Tatiane Pietrobelli Pereira³

Lucas Michel Flores de Oliveira⁴

RESUMO

A pandemia do Coronavírus tem provocado fortes efeitos na saúde pública e no ambiente empresarial do país. Desta forma, este estudo objetivou analisar os impactos econômico-financeiros e sociais oriundos da pandemia do coronavírus nas empresas do setor calçadista do Vale do Paranhana/RS. Para a realização da pesquisa, empregou-se um estudo de caso múltiplo, sendo que a população compreendeu vinte e seis empresas calçadistas desta região. Em relação à coleta de dados, foram realizadas entrevistas padronizadas junto a um gestor da empresa. Os principais resultados apontaram que 78% das empresas possuíam uma reserva de caixa emergencial para enfrentar o período de crise. No entanto, 56% das empresas tiveram que aderir a empréstimos financeiros. Além disso, a redução nos recursos de caixa e contas a receber, também foram observados em 78% das empresas, evidenciado a redução das receitas e o momento de crise enfrentado pelo setor. No que tange os impactos sociais, observou-se que todas as empresas aderiram ao Benefício Emergencial, mas mesmo assim, 89% tiveram um aumento nas demissões. Diante deste cenário, 67% das empresas já consideram o plano de contingência como uma alternativa para minimizar impactos de possíveis crises futuras.

Palavras-chave: Indústria Calçadista; Coronavírus; Impactos Econômico-Financeiros e Sociais.

Impacts of the coronavirus pandemic: economic, financial and social analysis in shoe companies in Vale do Paranhana/RS

ABSTRACT

The Coronavirus pandemic has had strong effects on the country's public health and business environment. Thus, this study aimed to analyze the economic, financial and social impacts arising from the coronavirus pandemic on companies in the footwear sector in Vale do Paranhana/RS. To carry out the research, a multiple case study was used, and the population comprised twenty-six footwear companies in this region. Regarding data collection,

¹ Artigo elaborado como parte do Programa de Pesquisa Científica em consonância com o Edital de Pesquisa 01/2020. Data de submissão: 31 mai. 2021

² Professora Coordenadora do Projeto de Pesquisa das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* kelimsprenger@faccat.br

³ Professora pesquisadora do Projeto de Pesquisa das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* tatianepereira@faccat.br

⁴ Acadêmico do curso de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat/RS. *E-mail:* lucasoliveira@sou.faccat.br.

standardized interviews were conducted with a company manager. The main results showed that 78% of companies had an emergency cash reserve to face the crisis period. However, 56% of companies had to adhere to financial loans. In addition, the reduction in cash resources and accounts receivable were also observed in 78% of companies, evidencing the reduction in revenues and the moment of crisis faced by the sector. With regard to social impacts, it was observed that all companies adhered to the Emergency Benefit, but even so, 89% had an increase in layoffs. Given this scenario, 67% of companies already consider the contingency plan as an alternative to minimize impacts from possible future crises.

Keywords: *Footwear Industry. Coronavirus. Economic-Financial and Social Impacts.*

1 INTRODUÇÃO

A indústria calçadista brasileira, ao longo dos anos, constitui-se como um importante setor para a economia do país, gerando emprego e renda em várias cidades brasileiras. Essas indústrias têm recebido o interesse de vários governos estaduais, no intuito de levá-las para regiões onde há escassez de empregos e renda. A mão de obra nessas indústrias é responsável pelo maior custo da produção, ou seja, sua produção necessita bem mais do fator humano do que da tecnologia. (GUIDOLIN et al., 2010).

Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS, 2020), o setor calçadista tem uma importante representatividade para a economia brasileira, gerando em torno de 300 mil empregos diretos em pelo menos dez estados brasileiros. Após vários anos difíceis para o setor, em decorrência da crise econômica mundial de 2008 e da crise econômica nacional que teve início no segundo semestre de 2014, almejava-se que 2020 fosse o ano de retomada, alicerçada nas exportações de calçados devido à valorização do dólar.

No entanto, a partir do início do mês de março de 2020 a ABICALÇADOS (2020) informou que o setor calçadista vem experimentando a queda acelerada do consumo, assim como informando o fechamento e interrupção de atividades em quase todas as cidades devido a pandemia global do Coronavírus (COVID-19). Tais indústrias tiveram que interromper suas atividades, atendendo as instruções da Organização Mundial da Saúde (OMS) e das Secretarias de Saúde dos Estados e Municípios, a fim de evitar uma maior propagação do Coronavírus.

E, analisando-se o perfil econômico do Vale do Paranhana/RS, identifica-se que há grande dependência regional da indústria calçadista, maior ocupadora da mão de obra nos municípios (VON MENGDEN, 2017), fato que aumenta a preocupação porque o calçado representa um produto de consumo cíclico, o qual, em períodos de crise, tende a ser mais afetado negativamente do que aqueles de consumo não-cíclico (alimentação e saúde, por exemplo).

Assim, esta pesquisa objetiva analisar os impactos econômico-financeiros e sociais oriundos da pandemia do coronavírus nas empresas do setor calçadista do Vale do

Paranhana/RS. Além disso, buscou-se identificar as medidas tomadas pelas empresas e pelo governo, a fim de reduzir os impactos econômico-financeiros e sociais negativos.

Entende-se que esta pesquisa auxilia na obtenção de maior conhecimento acerca dos efeitos de uma crise desta magnitude para o setor, visando orientar e divulgar os pontos mais relevantes que cercam tais empresas neste período, bem como contribuir com o desenvolvimento econômico local, por meio das evidências que este estudo permitirá obter. Também, sob o enfoque acadêmico, esta pesquisa poderá contribuir com estudos precedentes e, ao final, propor estratégias de gestão para períodos de crise.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E EMPÍRICO

Para embasar este estudo, abordam-se inicialmente aspectos acerca das crises econômico-financeiras, apresentando conceitos, seus determinantes e suas diversas consequências. Posteriormente adentra-se à discussão acerca da pandemia do novo Coronavírus, apontando-se efeitos na economia global, bem como no ambiente brasileiro e regional, identificando-se os impactos e as medidas adotadas pelo governo. Por fim, o setor calçadista e suas contribuições econômicas ao país e a região, bem como os estudos precedentes atrelados ao tema proposto completam o arcabouço teórico desta pesquisa.

2.1 Crises Econômico-Financeiras: Conceitos, Determinantes e Consequências

Para entender o conceito de crise, é preciso inicialmente observar que na economia existem flutuações de cenários, ou seja, mudanças nas condições de mercado, denominadas ciclos econômicos, que abrangem períodos de expansões e recessões e, de acordo com Mankiw (2009), não seguem um padrão regular e previsível.

Nos períodos de expansão são observados aumentos na produção, no nível de emprego e na renda até que os mesmos atinjam o chamado “pico do ciclo de negócios”. Após este pico a produção, o nível de emprego e a renda diminuem à medida que a economia vai entrando na fase de recessão do ciclo, a qual chega ao fim com um “vale do ciclo de negócios”, depois do qual inicia-se outro período de expansão. (HUBBARD; O’BIEN, 2010).

Hubbard e O’Brien (2010) chamam a atenção para o fato que um período de recessão geralmente começa com uma diminuição nos gastos das empresas com bens de capital (máquinas, equipamentos, novas instalações) e das famílias com imóveis e outros bens de consumo duráveis.

Keynes (1982) indica que a crise deve ser entendida como a substituição de uma fase ascendente por outra descendente, a qual geralmente ocorre de modo repentino e violento, enquanto a transição de uma fase descendente para uma fase ascendente é mais lenta. De acordo com Nunes (2020) as crises econômicas compreendem momentos críticos, porém comuns no sistema capitalista e as oscilações nas taxas de crescimento podem ser consideradas fenômenos normais. E, de acordo com a intensidade, esses períodos podem ser enquadrados como recessão ou a depressão econômica.

Para Reinhart e Rogoff (2010) e Kappel (2017), a origem destas crises pode estar relacionada a fatores como a transição da economia, a deterioração do crescimento econômico e das reservas de um país, aumento do preço das commodities e as oscilações no valor da moeda. Campello, Graham e Harvey (2010) complementam que a crise financeira gera um choque exógeno no setor real da economia, pois afeta a oferta de financiamento das firmas e consequentemente suas decisões em relação aos seus investimentos e gastos.

Diante disso, é importante compreender que os ciclos, marcados por crises ou por crescimento, trazem diversas consequências para o cenário econômico, principalmente no que tange à taxa de inflação e à taxa de desemprego. Hubbard e O'Brien (2010) apontam que alguns fatores podem estar contribuindo para uma economia mais estável, com recessões mais curtas, expansões mais longas e flutuações menos severas no Produto Interno Bruto (PIB) real.

Mas ao longo dos últimos 25 anos, ocorreram crises internacionais que culminaram em diversas consequências para os países afetados, entre as quais Kappel (2017) cita a crise do México (1995), a da Ásia (1997), a da Rússia (1999), a da Argentina (1999), a crise cambial (1999); a crise energética (2001) e a crise do *subprime* (2008), sendo esta última a mais impactante até o momento, com reflexos não apenas na economia dos Estados Unidos, mas também do Brasil e de outros países.

E desde o final do ano de 2019, a sociedade mundial vem se preocupando com uma nova crise, decorrente da pandemia do novo coronavírus (causador da infecção respiratória COVID-19). Tendo sido identificado inicialmente na China, no final de 2019, o vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, rapidamente se espalhou por todo planeta, ocasionando uma das mais dramáticas crises de saúde pública mundial nas últimas décadas, e consequentemente, na economia global. Os efeitos da atual pandemia estão sendo sentidos na sociedade em todo o mundo, pois além da perda de inúmeras vidas, a saúde financeira da população também está sendo diretamente impactada, as bolsas de valores têm registrado quedas, impactos negativos no PIB, queda no consumo e nos investimentos, aumento do endividamento, entre outros.

2.2 Pandemia do Coronavírus e suas Consequências Econômicas

A rápida propagação do coronavírus pelo mundo tem ocasionado preocupação da sociedade em relação à saúde e à economia global. Conforme a publicação do Centro de Ciência e Engenharia de Sistema da Universidade Johns Hopkins (EUA), cuja fonte são os números fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), verifica-se uma taxa global de mortalidade de 2,18%, sendo que no Brasil este percentual chega a 2,52%.

Para tentar desacelerar o fluxo do vírus, diversas medidas são indicadas pela OMS, como o uso de máscara, a higiene das mãos e o distanciamento físico, tendo em vista que o seu principal vetor é o ser humano. Assim, os períodos de “quarentena” trazem consigo diversos impactos para a sociedade como um todo, inclusive para as empresas que precisam administrar seus negócios diante de novos desafios e escassez de recursos.

Para Ferreira Junior e Santa Rita (2020) e Cecchetti e Schoenholtz (2020), a quarentena impacta diretamente a demanda das famílias em todas as atividades em que há interações diretas entre as pessoas e grande parte do setor de serviços e que seus reflexos sobre a oferta dependerão também dos níveis de automação e de digitalização (home-office) ou da maior interação homem-máquina. Assim, o efeito simultâneo da crise sobre a demanda e a oferta se transforma em uma combinação lesiva.

Ferreira Junior e Santa Rita (2020) esclarecem que os reflexos das falências das empresas e do desemprego gerados no setor de serviços afetam a demanda por bens, os quais passam a ser produzidos em menor volume, aumentando o risco de desabastecimento, sendo que a consequência direta desta dinâmica consiste no aumento da inadimplência das empresas e famílias, causando uma crise financeira e o colapso do sistema de crédito.

Assim, setores como turismo, comércio e as cadeias de produção e suprimentos estão entre os mais afetados (MILLER, 2020). Para Angel Gurría, secretário-geral da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) o choque econômico já é maior do que a crise financeira de 2008 ou a de 2001. (BBC, 2020).

Para tentar combater os efeitos da pandemia do coronavírus, os líderes do G20, emitiram declaração anunciando que o grupo está injetando mais de 4,8 trilhões de dólares na economia global como parte de medidas econômicas e fiscais, segundo a nota emitida a intenção é “apoiar nossas economias; proteger trabalhadores, empresas - especialmente micro, pequenas e médias empresas - e os setores mais afetados; e amparar os vulneráveis com proteção social adequada”. (G20, 2020)

Segundo Godoy *et al.* (2020) “em sua primeira contração em quase 30 anos, a produção industrial China, maior parceiro comercial do Brasil, despencou 13,5% no primeiro bimestre do ano em comparação com o mesmo período de 2019.” Segundo os autores, a projeção era de uma queda de 3%. Além disso, observou-se recuou de 20,5% nas vendas do varejo frente a previsão de 4% (GODOY *et al.*, 2020), fatos que geram um cenário de preocupação também para o Brasil.

O Brasil recém se recupera de uma recessão, pois o CODACE (2017) identificou a ocorrência de um vale do ciclo de negócios brasileiro no quarto trimestre de 2016, o qual representa o fim de uma recessão que durou 11 trimestres (entre o 2º trimestre de 2014 e o 4º trimestre de 2016), sendo esta a mais longa desde 1980 e que culminou em perda acumulada de 8,6% no Produto Interno Bruto (PIB).

Tendo entrado em um período de expansão a partir do primeiro trimestre de 2017 (CODACE, 2017), o Brasil agora passa por um novo desafio. Com o coronavírus atingindo também o país, a estimativa para o crescimento PIB em 2020 que era de 2,1%, na verdade se transformou em uma queda de 4,1% (IBGE, 2021).

Para tentar reduzir os impactos da pandemia na economia, o país implementou uma série de medidas de apoio. Segundo a Reuters (2020), entre os estímulos monetários adotados pelo Governo está a redução da taxa de juros para 3,75% pelo Banco Central do Brasil (BACEN) e a diminuição dos requisitos de capital para instituições financeiras.

Em relação ao estímulo fiscal (federal), há um programa de 150 bilhões de reais para auxiliar a população mais vulnerável e proteger empregos denominado Auxílio Emergencial, oferecendo uma ajuda de cinco parcelas de R\$ 600,00 as pessoas que fazem parte do cadastro de Microempreendedores Individuais (MEI), os contribuintes individuais do INSS, autônomos e trabalhadores informais que não recebem nenhum outro benefício do Governo Federal (com exceção do Bolsa Família). (REUTERS, 2020).

Para as Micro e Pequenas Empresas (MPEs), o governo liberou crédito de R\$ 40 bilhões para aquelas que não demitirem e o Comitê Gestor do Simples Nacional decidiu postergar as datas de vencimento dos tributos federais que integram esse regime diferenciado de tributação.

Pode-se ainda mencionar as medidas de apoio a estados e municípios, os quais tem passado por períodos turbulentos em relação à saúde e à economia, como é o caso do Estado do Rio Grande do Sul, que já passa por uma crise financeira.

O Rio Grande do Sul, enfrenta um desafio em relação às projeções econômicas. Economistas do Departamento de Economia e Estatística (DEE) apontam que a economia

gaúcha encontra riscos internos e externos, os quais se devem à estiagem de 2020 e à pandemia do coronavírus.

Frente a este novo cenário, o governador declarou situação de calamidade pública em todo o território do estado para fins de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus. Medidas econômicas também foram divulgadas no estado, entre elas consta o auxílio emergencial de apoio à atividade econômica e de proteção social (Lei Estadual Nº 15.604, de 12 de abril de 2021), além da concessão, pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul (BANRISUL) de carência de dois meses para pagamento de dívidas referente à créditos adquiridos por micro, pequenas e médias empresas, inclusive para estas o limite de crédito será ampliado em 10%.

2.3 Setor Calçadista e sua Contribuição Econômica

A indústria calçadista brasileira está entre os dez maiores produtores mundiais de calçados. Países como a China, Índia e Vietnã, foram responsáveis por, aproximadamente, 72% da produção de calçados no ano de 2017. O Brasil ocupa a quarta posição neste *ranking*, sendo o principal produtor fora da região asiática, representando 4,4% da produção mundial de calçados no ano de 2017. O setor calçadista foi responsável por 271,1 mil empregos formais em 2018, sendo conduzidos por, aproximadamente, 6,6 mil empresas. (ABICALÇADOS, 2019).

Ainda, de acordo com a ABICALÇADOS (2019) no estado do Rio Grande do Sul estão concentradas 34% das indústrias calçadistas, representando em torno de 2,2 mil empresas que empregam em torno de 87,8 mil colaboradores. Sendo responsável por 20,1% da produção nacional de calçados, no ano de 2018, totalizando, aproximadamente, 944 milhões de pares de calçados e um faturamento em torno de 21,4 bilhões de reais.

Segundo Lopes (2014) e Henriques (1999) este percentual de indústrias calçadistas no Rio Grande do Sul já foi consideravelmente maior. No entanto, houve uma migração de grandes empresas das regiões Sul e Sudeste para a o Nordeste, em busca de incentivos fiscais e redução do custo da mão-de-obra.

No estado do Rio Grande do Sul os principais polos calçadistas são o Vale do Rio dos Sinos, formado por 14 municípios, e o Vale do Paranhana, formado por 6 municípios, com um percentual de participação na quantidade de pares fabricados de, respectivamente, 41,6% e 24%. No ano de 2018 esse percentual de participação representou, em média, um faturamento

de 8,9 e 5,1 bilhões de reais, para cada polo e um número estimado de empregados de 35 mil e 22 mil, respectivamente. (ABICALÇADOS, 2019).

2.4 Estudos Precedentes

As empresas são constantemente afetadas por variáveis macroeconômicas, a intensidade e a gravidade das consequências estão sujeitas às condições econômicas das regiões onde as empresas estão inseridas. As incertezas no ambiente dos negócios em função da economia geram apreensão nos empreendedores e nos consumidores. Alterações como aumentos da inflação, redução do crescimento e a elevação do desemprego afetam as decisões de consumo das famílias, que podem escolher poupar ao invés de gastar com bens de consumo. Essas atitudes se refletem no setor empresarial, já que as empresas tendem a diminuir a capacidade produtiva em períodos de recessão na atividade econômica (COSTA, 2014).

Neste sentido, Pandini *et al.* (2018) analisaram empresas classificadas pela BM&FBovespa como sendo de consumo cíclico (produção e venda de bens duráveis) e não cíclico (produção e venda de bens não duráveis), que comercializam bens e serviços ao consumidor final. Os autores identificaram que nas empresas pertencentes ao setor de consumo cíclico (vestuário, calçados, móveis, eletrodomésticos, entre outros) o comportamento econômico-financeiro é influenciado por variações na economia, que podem ser tanto as recessões ou expansões econômicas, pois produzem bens que não são classificados como de primeira necessidade ou que a redução no consumo é uma adequada opção. Enquanto que, empresas pertencentes ao setor de consumo não cíclico produzem bens não duráveis (alimentos, bebidas, serviços de assistência médica, entre outros) considerados de primeira necessidade, tem um menor impacto no consumo, mesmo em momentos de recessão econômica.

A crise econômica mundial desencadeada em 2008 atingiu empresas de todos os setores, e o setor calçadista, classificado como de consumo cíclico, foi um desses. Estudo realizado por De Queiroz Machado *et al.* (2012) evidencia que políticas adotadas pelo governo como, incentivo para não haver aumento nos insumos, ajudaram a minimizar os efeitos econômicos. No entanto, diversas indústrias que tinham como foco a exportação, tiveram que encerrar suas atividades. Ao mesmo tempo que empresas que tiveram gestores com posturas conservadoras, que se anteciparam em relação ao mercado e foram inovadores, conseguiram passar pelo momento de crise.

Desde então, a economia brasileira veio sofrendo os impactos causados pela crise, e no setor calçadista não foi diferente. Para a ABICAÇADOS (2019) o ano de 2019 foi marcado

pela retomada do setor calçadista, com o aumento das exportações de calçados, incentivadas pela valorização do dólar e pelo acréscimo de embarque para os Estados Unidos.

No entanto, desde 2020 há um novo desafio: a pandemia do novo coronavírus. Devido ao elevado número de infectados, operações logísticas e negócios internacionais foram prejudicados no mundo todo, refletindo em vários setores da economia.

Pesquisadores tem buscado relatar os efeitos dessa pandemia na economia mundial. Alguns estudos apontam os custos econômicos decorrentes de surtos em larga escala de doenças infecciosas, pois conforme apontam Ferreira Junior e Santa Rita (2020) estas implicam em reduções no consumo de diversos bens e serviços, aumento dos custos operacionais dos negócios e reavaliação dos riscos dos países.

E além destes efeitos já esperados, também é preciso considerar que o distanciamento físico também gera desafios para as empresas e conseqüentemente, para a economia. Deste modo, Silveira e Marques (2021) complementam que nem todas as empresas conseguiram se adaptar às restrições impostas, sendo que muitas encerram suas atividades ou as reduziram, tendo neste caso diminuído o número de funcionários, pois já o atendimento ao público foi reduzido ou suspenso em determinados casos.

De acordo com Amaral, Jesus e Costa (2020), nos EUA e na Europa, os governos aprovaram planos emergenciais para lançar crédito e distribuir renda para os que perderam empregos e tiveram suas atividades econômicas interrompidas, com a injeção de vultosos aportes públicos na economia. No Brasil, o Estado também teve que aprovar um plano emergencial para financiamento das empresas, geração de renda para a população carente e que atua na informalidade, além de ter que fazer várias intervenções no mercado de câmbio para segurar a desvalorização do real frente ao dólar. (AMARAL; JESUS; COSTA, 2020).

No Brasil, uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI, 2020) aponta que as empresas sofreram com: queda da demanda, dificuldade para honrar com os pagamentos correntes, dificuldade de acesso a capital de giro, cancelamento de pedidos, escassez de matéria-prima ou insumos, aumento nos preços da matéria-prima e insumos importados, dificuldades em transportar ou escoar a produção, interrupção das atividades por tempo indeterminado e inadimplência dos clientes.

E, especificamente no que tange ao setor calçadista, a Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (ASSINTECAL, 2020) elaborou um estudo de mercado que demonstrou uma queda de 8,8% das exportações para a China em

janeiro de 2020, comparados ao mesmo mês do ano anterior, corroborando os efeitos iniciais do Coronavírus no setor.

O presidente da ABICALÇADOS, Haroldo Ferreira (2021) mencionou que para o setor, que tem mais de 85% das suas vendas realizadas no mercado doméstico, o abre e fecha do varejo físico, consequência do avanço da pandemia do novo coronavírus, gerou uma queda de mais de 18% na produção de calçados e reduziu o uso da capacidade instalada do segmento a 60%, retornando à performance de 16 anos atrás.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresentam-se os procedimentos metodológicos empregues para a realização desta pesquisa, indicando-se a sua classificação, a população e a amostra do estudo, a coleta de dados, bem como os métodos empregados para o tratamento e a análise dos dados.

Esta pesquisa se classifica como aplicada, pois tem como objetivo gerar conhecimentos para que se possa solucionar o problema proposto e aplicar os resultados provenientes deste estudo na comunidade local.

Quanto à forma de abordagem do problema, esta pesquisa se enquadra como qualitativa. Entende-se que esta dupla abordagem enriquece o resultado, pois une a precisão dos dados quantitativos e o aprofundamento do conhecimento por meio dos dados qualitativos (BEUREN et al.,2013).

Com relação aos objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva, pois se utiliza de técnicas padronizadas para coletar dados e se caracteriza pela descrição de características de determinada população ou fenômeno. (GIL, 2008).

E, com relação aos procedimentos técnicos, este estudo se classifica como um estudo de caso múltiplo, sendo que Gil (2008) aponta que este é útil para propósitos que envolvem: a) a exploração de situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) a descrição da situação do contexto em que está sendo feita a investigação; e c) a explicação das variáveis relacionadas a determinados fenômenos.

A população deste estudo compreendeu as empresas do setor calçadista localizadas no Vale do Paranhana, que é uma microrregião do estado do Rio Grande do Sul. Assim, formaram o universo de análise os empreendedores cujas empresas estavam registradas nas cidades de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas.

Para selecionar a população do estudo e, posteriormente formar a amostra da pesquisa, além do critério regional, também foram averiguadas as empresas pertencentes ao setor calçadista junto à Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (ABICALÇADOS).

De posse dessas informações, foi elaborada uma listagem contendo as 26 empresas identificadas e posteriormente obtidos os contatos telefônicos destas. Mediante apresentação inicial, foi solicitado o e-mail de um responsável pela empresa, podendo este pertencer ao setor contábil, financeiro ou de gestão e que poderia fornecer informações sobre o cenário que a empresa enfrentou.

A partir deste contato realizado com a população identificada, foi composta a amostra por 9 empresas que concordaram em participar do estudo (34,61% da população). Ressalta-se que este número de empresas que fizeram parte do presente estudo de caso múltiplo encontra respaldo na pesquisa de Gil (2009) e de Eisenhardt (1989), pois embora não exista a padronização em relação a um número ideal de empresas, Gil (2009) aponta que devem ser empregados entre quatro e dez casos.

Cabe considerar que houve uma limitação metodológica tendo em vista a extensão do cenário de pandemia que inviabilizou a obtenção de uma amostra maior de empresas à realização desse estudo.

A fim de obter as informações necessárias para realizar o estudo proposto, o instrumento utilizado para a coleta de dados compreendeu a entrevista padronizada junto a um responsável da empresa, do setor contábil, financeiro ou de gestão que pudesse fornecer informações sobre o cenário que a empresa enfrentou. Esta entrevista padronizada contou com um questionário de apoio, composto por seis blocos que indagam:

- a) Características das empresas;
- b) Impactos Econômico-Financeiros
- c) Impactos Sociais
- d) Estratégias de Gestão empregadas durante a pandemia
- e) Impacto das medidas governamentais
- f) Constatações Gerais

As entrevistas ocorreram de forma online, por meio da plataforma Google Meet e não foram gravadas visando preservar a identidade do entrevistado. O tempo de duração de cada entrevista foi de aproximadamente 30 minutos.

O foco da entrevista foi o entendimento do perfil da empresa, do cenário econômico, financeiro e social no período compreendido entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021, bem como

as principais dificuldades encontradas em decorrência da crise e as medidas adotadas. Também os impactos sociais serão avaliados (empregabilidade) e a existência de reservas de contingências.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos dados provenientes das entrevistas realizadas, foi possível traçar o perfil das empresas do setor calçadista do Vale do Paranhana/RS, assim como averiguar em que cenário a empresa se encontrava no período pré-pandemia.

Posteriormente, apresenta-se os impactos econômico-financeiros e sociais decorrentes da pandemia, bem como as estratégias de gestão e adoção às medidas governamentais de apoio durante este período. Por fim, a partir das observações realizadas, apresenta-se uma seção que traz as constatações gerais e a possibilidade de adoção de planos de contingência pelas empresas.

4.1 Características das Empresas Calçadistas

Analisando as respostas das entrevistas foi possível diagnosticar o perfil das empresas do setor calçadista no Vale do Paranhana/RS. Verifica-se que todas já estão em atividade a mais de 20 anos. Apenas 1 companhia é Microempresa, sendo 4 consideradas empresa de médio porte e as outras 4 consideradas grande empresa. Também, observa-se que a maior parte das empresas (7) atuam nos três mercados (regional, nacional e internacional).

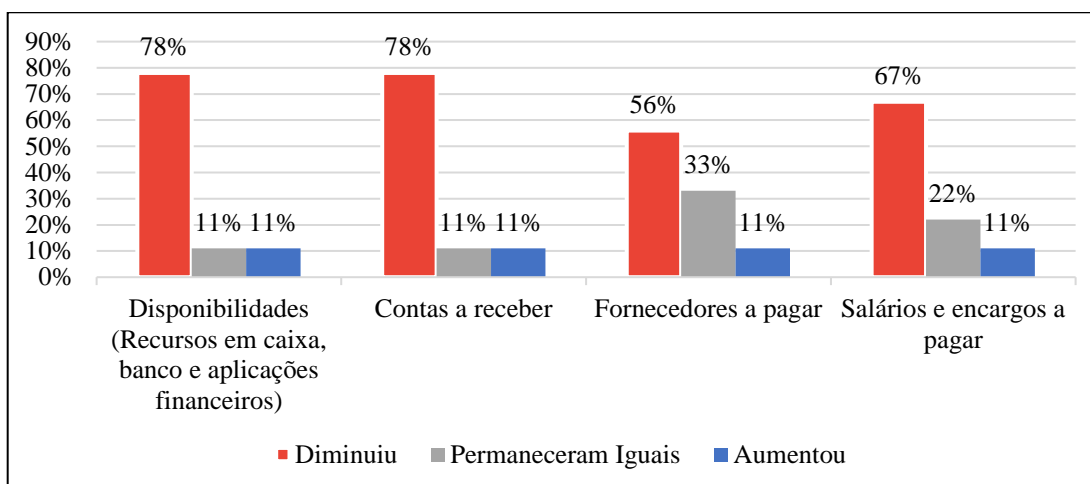
Para identificar a situação em que se encontravam as empresas no período pré-pandemia, indagou-se se o cenário era considerado estável, em recuperação ou em crescimento. Das entrevistadas, a maioria (4) responderam encontrarem-se em recuperação, seguidos por 3 empresas que responderam estar em crescimento e, apenas 2 empresas citaram estar em um cenário estável.

4.2 Impactos Econômico-Financeiros Decorrentes da Pandemia

Nos últimos meses, os indicadores das companhias tiveram seus resultados ligados diretamente à pandemia e a economia prejudicada. De forma a entender os impactos econômico-financeiros causados pela pandemia, foram realizados alguns questionamentos para diagnosticar pontos críticos e ter um comparativo com o período pré-pandêmico. No Gráfico 1 é possível visualizar que nas disponibilidades, 78% das empresas apresentaram uma redução.

Semelhante à informação anterior, as contas a receber também reduziram na maioria das empresas (78%), tendo em vista os fatores decorrentes da pandemia.

Gráfico 1: Indicadores Econômico-Financeiros

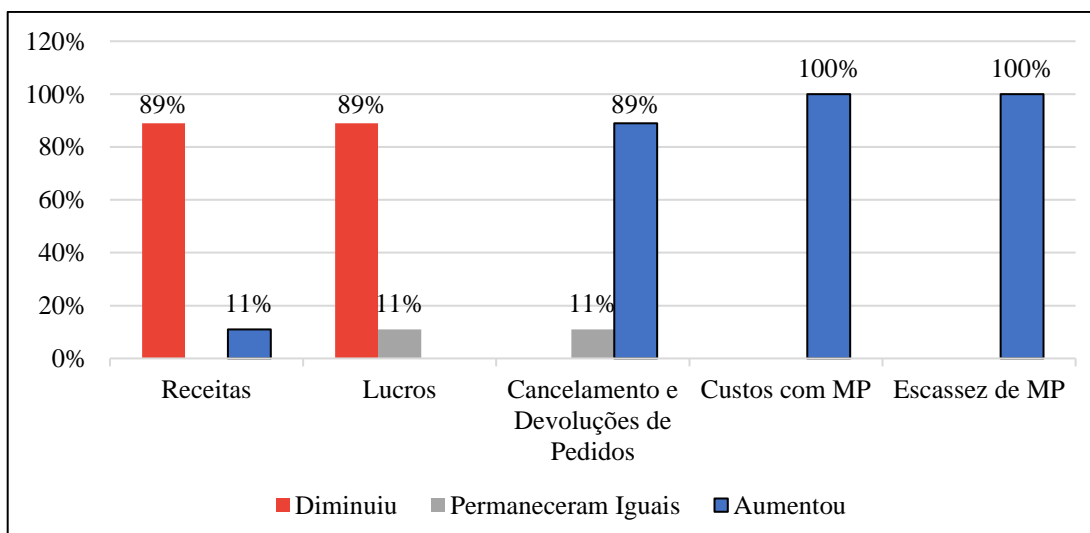


Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Com relação ao pagamento dos fornecedores, na maioria das empresas (56%) houve diminuição, devido o vínculo com a redução da necessidade de matéria prima e serviços. Já em 33% das empresas não houve variações, e, somente em 11% das companhias apresentaram aumento. As despesas com salários e encargos a pagar, também diminuíram na maioria das empresas (67%), em decorrência das demissões e acordos de suspensão ou redução da jornada de trabalho.

No tocante aos impactos econômico-financeiros sofridos pelas empresas, é possível visualizar no Gráfico 2 se ocorreram variações nos indicadores de receita, lucros, cancelamento e devoluções de pedidos, custos com matéria-prima ou mesmo sua escassez.

Gráfico 2: Indicadores Econômico-Financeiros

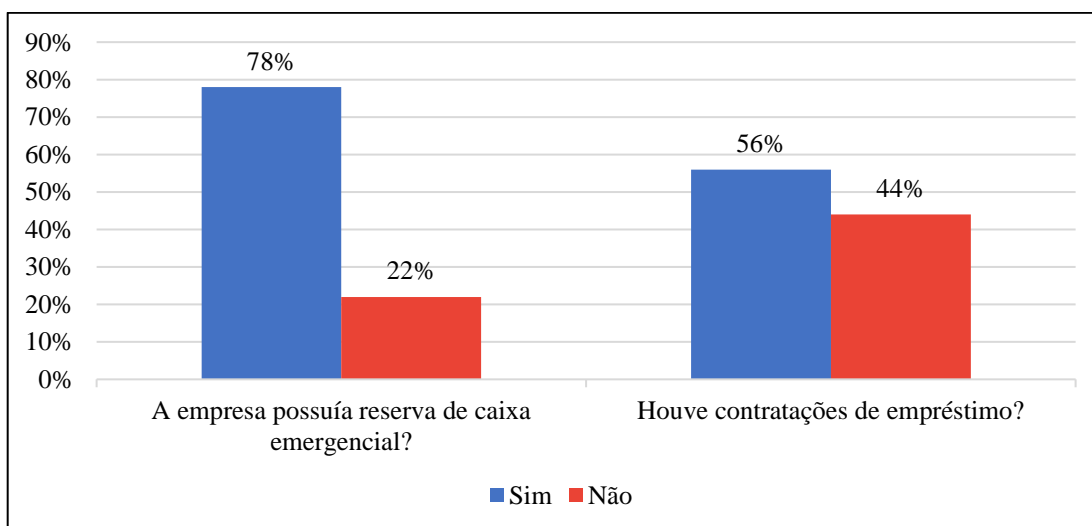


Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

As receitas tiveram uma queda em 89% das empresas, refletindo diretamente nos lucros, que apresentaram igual redução. Já os cancelamentos e devoluções de pedidos tiveram um aumento na maioria das companhias (89%), afetando diretamente as receitas e as projeções de vendas. No que tange os custos da matéria-prima e sua escassez, o cenário é ainda mais preocupante, pois todas as empresas tiveram um aumento de custo e escassez de matérias primas no mercado. Tais dados corroboram com as informações da CNI (2020) e Abicalçados (2021) que relataram uma queda de 8,8% nas exportações, o aumento nos cancelamentos e devoluções de pedidos na indústria e os elevados custos da matéria em decorrência de sua escassez.

Tendo em vista que todas as empresas analisadas estão no mercado a mais de 20 anos e detêm uma estrutura governamental, foi questionado se as companhias possuíam reserva emergencial de caixa. No Gráfico 3, é possível visualizar que a maioria das empresas (78%) possuía reserva de caixa, revelando uma boa saúde financeira no período pré-pandêmico, o que é considerado de grande importância para períodos de crise ou de emergência.

Gráfico 3: Indicador de caixa e contratação de empréstimo



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Também, foi analisado que 56% das empresas tiveram a necessidade de contratar empréstimos na pandemia. Das empresas analisadas que fizeram a contratação de empréstimo, para a maioria (60%) o pagamento das parcelas representou até 10% da geração líquida de caixa. Cerca de 20% das empresas do estudo informaram ter contratado empréstimos com parcelas que representaram aproximadamente 20% da geração líquida de caixa. As demais indicaram que as parcelas representaram até 30% da geração líquida de caixa. Entende-se que

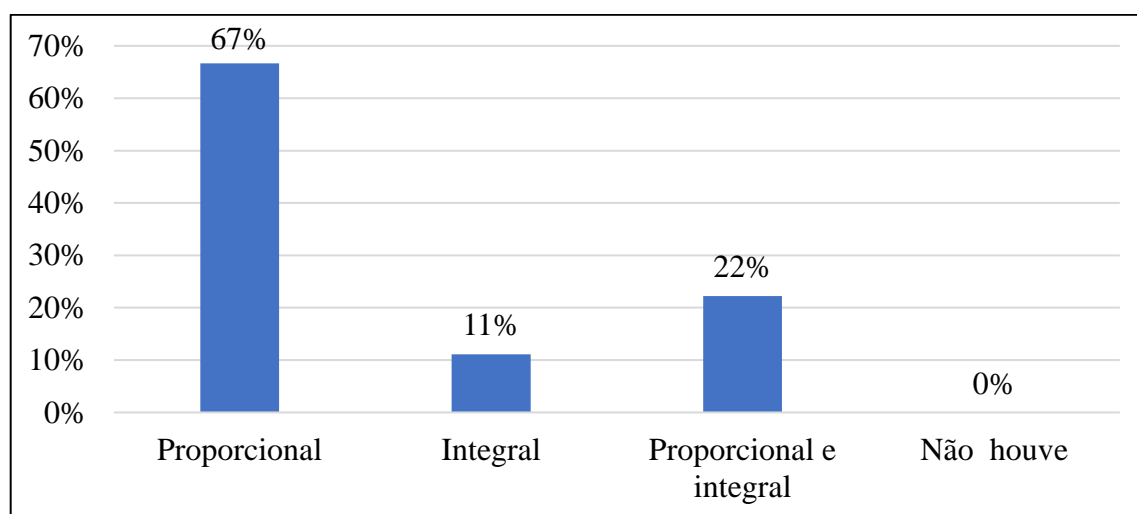
um maior comprometimento do caixa pode representar uma situação de risco para as empresas, pois poderá levar a um endividamento elevado de curto prazo impactando diretamente no fluxo de caixa das atividades.

4.3 Impactos Sociais Decorrentes da Pandemia

Entre as medidas lançadas pelo governo frente aos impactos da pandemia, na tentativa de preservação do emprego e da renda dos trabalhadores, constam a possibilidade de suspensão do contrato e a redução da jornada de trabalho, através do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, expresso na Lei 14.020/2020 e na medida provisória 1.045/2021.

Assim, buscando entender se as empresas calçadistas da região aderiram a este programa, estas foram questionadas sobre a ocorrência de redução da jornada de trabalho dos funcionários de forma proporcional, integral ou ambas, sendo que as respostas obtidas constam no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Redução e Suspensão de Contrato de Trabalho



Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Conforme se observa no Gráfico 4, 100% das empresas participantes indicaram ter aderido ao Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda, sendo que 67% destas apresentaram redução parcial da jornada e dos salários. Cabe ressaltar que nestes casos, os funcionários passaram a receber da União um benefício emergencial proporcional ao valor do seguro-desemprego.

Porém, em muitos casos, as reduções ou suspensões de contratos não são suficientes para evitar as demissões, pois identificou-se que em 89% das empresas houve a necessidade de rescisão do contrato de trabalho.

De forma a entender um pouco mais acerca deste cenário, no qual as empresas tiveram a necessidade de se reestruturar e tomar difíceis decisões, como as rescisões, na Tabela 1 é possível observar a variação percentual do desligamento (ou contratação) de colaboradores referente a determinados períodos do ano.

Verificou-se que apenas uma empresa não apresentou alterações no quadro de colaboradores, ou seja, sem variação percentual. Já, 88% das companhias tiveram redução no quadro de funcionários no primeiro quadrimestre de pandemia (entre Jan/20 e Mai/20), período esse crítico para o setor calçadista e econômico. Em quatro das nove empresas da amostra (sendo 44%) houve um aumento de funcionários no período de Jan/2021 comparado a Set/2020. Observando-se todo o período analisado, em média, houve redução de 26%.

Tabela 1: Variação percentual da quantidade de funcionários

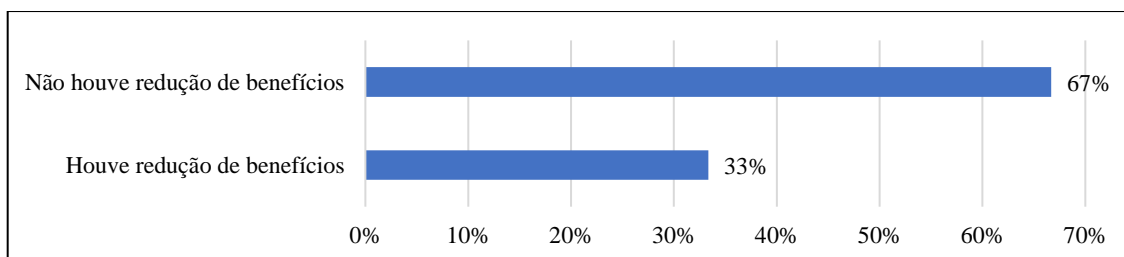
Empresa	Variação (%) entre jan/20 e mai/20	Variação (%) entre mai/20 e jul/20	Variação (%) entre jul/20 e set/20	Variação (%) entre set/20 e jan/2021	Variação (%) entre jan/20 e jan/2021
Empresa 1	-18%	-4%	-6%	-9%	-40%
Empresa 2	-3%	-26%	0%	-5%	-36%
Empresa 3	-47%	1%	15%	9%	-13%
Empresa 4	-41%	-13%	12%	-3%	-45%
Empresa 5	-3%	-1%	0%	-2%	-5%
Empresa 6	-200%	25%	20%	29%	-29%
Empresa 7	-8%	-2%	-12%	6%	-16%
Empresa 8	-358%	0%	52%	38%	-38%
Empresa 9	0%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Identifica-se que o momento mais crítico para o setor calçadista ocorreu no início da pandemia, entre janeiro e maio de 2020, quando houve uma redução média de 28% do quadro de funcionários. Entre os meses de maio e junho de 2020, ainda houve redução, porém de 5%. Gradativamente percebe-se uma retomada no número de empregos, que entre julho e setembro de 2020 apresentou o primeiro aumento (2%). E em 2021, observa-se um novo aumento médio no número de funcionários destas empresas, que mesmo sendo de 4% em comparação a setembro do ano anterior, mostra um pequeno aquecimento do setor e da economia. Todavia, ao analisarmos o período de 12 meses temos uma queda de 26%, o que indica uma drástica redução de colaboradores de um ano para o outro.

Entendidos os aspectos relacionados à composição do quadro de funcionários das empresas neste período, procurou-se saber se também houve redução de planos de benefícios a empregados como tentativa de reduzir custos, sendo que as respostas estão sintetizadas no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Benefícios a Empregados no período de pandemia



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Conforme se verifica no Gráfico 5, a maioria das empresas participantes da pesquisa (67%) informaram que não houve reduções nos benefícios já existentes a seus funcionários, sendo que uma delas inclusive mencionou ter implantado novos benefícios, visando inclusive a motivação das pessoas. Entre as ações praticadas pela referida empresa encontra-se a entrega de cestas básicas aos funcionários, inclusive nos casos de desligamentos quando esta foi mantida por três meses.

Ainda sobre os impactos sociais advindos deste período, as empresas foram questionadas sobre a realização de adaptações em decorrência do afastamento de empregados que contraíram o coronavírus. A maioria das empresas (89%) informou que implantou o teletrabalho (*home office*), abrangendo inclusive a contratação de ferramentas para viabilizar esta modalidade de trabalho, bem como controle de banco de horas, sistemas, proteção da empresa e das pessoas.

As empresas participantes do estudo também foram questionadas sobre a intenção de contratação de ex-funcionários que possam ter sido demitidos em decorrência dos efeitos da pandemia com a expectativa de crescimento do setor. A maioria das empresas (88%) informou que pretende recontratar estes funcionários, 11% apontou que não, tendo em vista que considera o cenário incerto.

Por fim, buscou-se entender se as empresas realizaram a adoção de alguma medida de apoio aos funcionários que tiveram algum impacto decorrente da pandemia em seu trabalho. Porém, a maioria das empresas (67%) informou que não fez a adoção de nenhuma medida extra de apoio aos funcionários durante o período, principalmente em função da contenção de gastos.

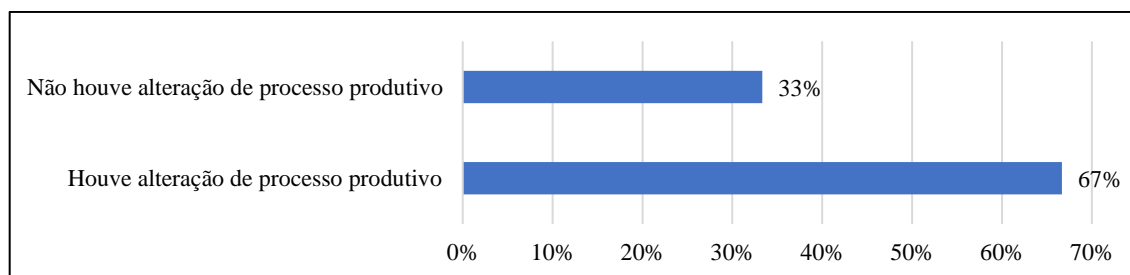
4.4 Estratégias de Gestão Empregadas Durante a Pandemia

Neste período complexo, os gestores das empresas precisaram agir de forma criativa e estratégica para buscar soluções às inúmeras consequências decorrentes da pandemia e da crise

financeira. Desta forma, foi verificado junto às empresas participantes da pesquisa quais foram as principais estratégias de gestão adotadas no período.

Inicialmente os participantes foram questionados sobre possíveis alterações no processo produtivo visando inclusão/substituição de novos produtos, como por exemplo a fabricação de Equipamentos de Proteção Individual (EPI).

Gráfico 6: Alteração de processo produtivo



Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Conforme se verifica no Gráfico 6, 67% das empresas calçadistas participantes da pesquisa informaram que se engajaram em novos processos produtivos, como a fabricação de máscaras, inclusive para a distribuição aos funcionários.

Outra estratégia de gestão analisada consiste na ampliação da presença digital da empresa visando a expansão de vendas. A maioria das empresas (67%) indicou ter intensificado as ações de *e-commerce*. Porém 33% dos participantes da pesquisa informaram que não houve adoção de tais medidas.

A análise financeira a fim de conter custos e despesas também compreende uma estratégia adotada pelas empresas em períodos de crise e, quando questionadas sobre este acompanhamento, 100% das empresas participantes do estudo confirmaram que as análises foram intensificadas, de modo a preservar o caixa da empresa ou buscar mitigar os impactos neste.

A suspensão de contrato com fornecedores também representa uma estratégia adotada nos casos de redução da demanda e conseqüentemente da produção industrial. Para 56% das empresas houve a necessidade de suspensão de contrato com os fornecedores, principalmente em função da baixa demanda, do nível de produção e da tentativa de contenção de custos de forma temporária.

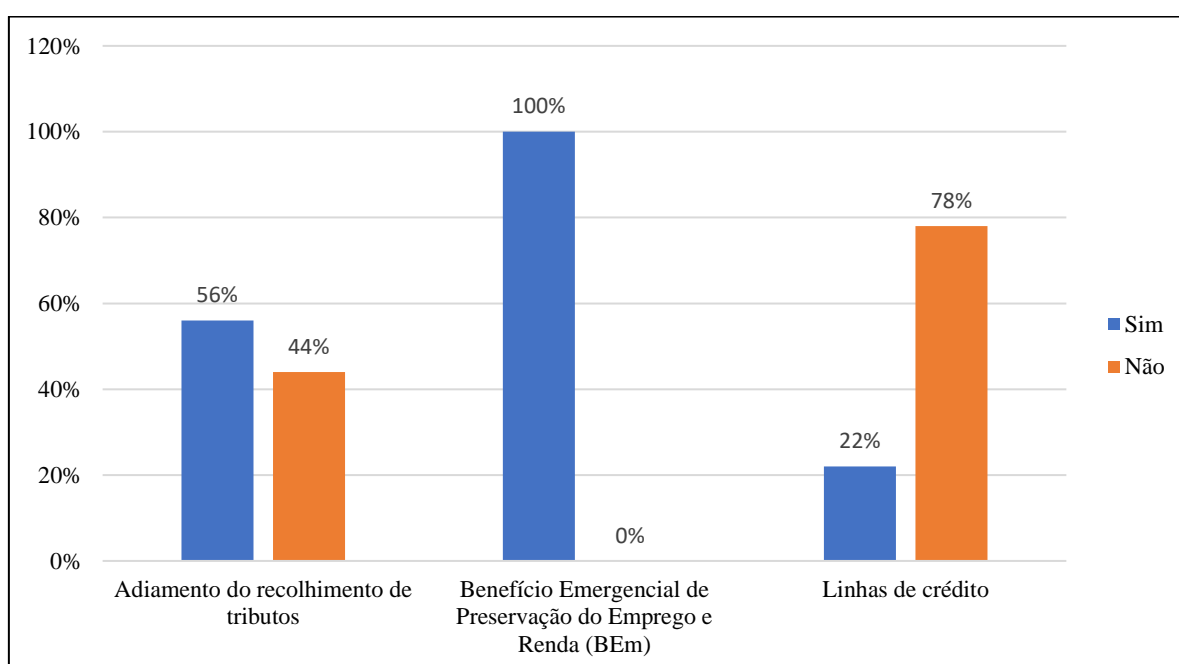
Outra forma de tentar conter os efeitos da pandemia, preservando empregos e se preparando para um período esperado de aumento na demanda consiste na concessão antecipada de férias aos funcionários. Neste caso, todas as empresas analisadas (100%) informaram ter

adotado esta estratégia de gestão. Também a paralisação temporária das atividades da empresa foi adotada pela maioria (67%).

4.5 Adoção de Medidas Governamentais de Apoio

O Governo implementou medidas de apoio às empresas no enfrentamento à pandemia, como, o adiamento dos pagamentos de tributos, o benefício emergencial de preservação do emprego e renda (BEm), bem como linhas de crédito. No gráfico 7 são apresentadas quantas empresas aderiram a cada uma dessas medidas de apoio.

Gráfico 7: Adoção de medidas governamentais de apoio



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

O adiamento do pagamento dos tributos foi uma opção da maioria das empresas (56%), sendo que uma delas relatou que houve o adiamento no pagamento do FGTS, opção oferecida pela Caixa Econômica Federal através de parcelamento em até 6 parcelas (no ano de 2020 e 4 parcelas em 2021).

Outro benefício que trouxe mais estabilidade para as empresas e funcionários durante a pandemia foi o Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e Renda (BEm), criado para evitar um elevado número de desempregados nesse período. Todas as empresas responderam ter aderido ao programa, como uma maneira de evitar um grande número de demissões em um cenário de incertezas perante ao tempo em que permaneceriam com restrições.

De acordo com o governo, o BEm ajudou na preservação do emprego e renda de, aproximadamente, 10,2 milhões de trabalhadores, assim como na manutenção de 1,5 milhão de

empresas em 2020. O programa custou em torno de R\$ 33,5 bilhões aos cofres do governo federal em 2020 e estima-se um custo de R\$ 10 bilhões em 2021.

Com relação as linhas de crédito disponibilizadas pelo governo federal, o PRONAMPE teve seu destaque, pois essa linha disponibilizou R\$ 37 bilhões em crédito, com uma taxa de juros de Selic mais 1,25%, para mais de 520 mil empresas (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021). No entanto essa linha de crédito foi disponibilizada somente para micro e pequenas empresas.

Das empresas entrevistadas, apenas 22% responderam que se utilizaram de uma linha de crédito disponibilizada pelo governo.

4.6 Constatações Gerais e Plano de Contingência

É versado na literatura (COSTA, 2014; DE QUEIROZ MACHADO *et al.*, 2012; PANDINI, 2018) que variáveis macroeconômicas, como aumentos da inflação, redução do crescimento e a elevação do desemprego afetam as decisões de consumo das famílias, e dependendo da gravidade dessa influência no ambiente dos negócios, gera-se apreensão nos empreendedores e nos consumidores. Assim, em períodos de instabilidade econômica, os consumidores tendem a diminuir o consumo de bens duráveis (cíclico), como roupas, calçados e eletrodomésticos, e passam a reservar valores para o consumo de bens não duráveis (não-cíclico), como alimentos. De tal forma, que essas atitudes se refletem no setor empresarial de bens duráveis, fazendo com que a capacidade produtiva dessas indústrias diminua em períodos de recessão na atividade econômica.

Crises econômicas mundiais, como a de 2008, por exemplo, atingem todos os setores, e o setor calçadista, classificado como de consumo cíclico, é um desses. São eventos que influenciam o ambiente macroeconômico e que não são possíveis de se prever em questão de tempo e amplitude de gravidade, mas entende-se que são possíveis e prováveis que aconteçam.

Neste sentido, a pandemia do Covid-19, foi um desses eventos que atingiu a economia mundial, influenciando diretamente o modo de vida e de consumo das famílias, refletindo diretamente na indústria de consumo de bens duráveis. Dessa forma, o presente estudo buscou entender se as empresas consideravam como alternativa ter um plano de contingência para minimizar efeitos de crises futuras, como uma pandemia ou mesmo uma crise econômica global ligada a outros fatores (falta de água, poluição, guerras, entre outros).

Das empresas entrevistadas, 67% responderam que já consideram o plano de contingência como uma alternativa, o que se entende como relevante inclusive para a

continuidade e sucesso dessas empresas. Inclusive é conhecido que aquelas que se antecipam em relação ao mercado e buscam a inovação, conseguem passar por momentos de crise com impactos minimizados (DE QUEIROZ MACHADO *et al.*, 2012).

Por fim, com a conclusão desta pesquisa, entende-se que as empresas buscaram alternativas de gestão que preservasse as atividades e os empregos. Porém, tendo em vista a extensão do cenário pandêmico, algumas medidas precisaram ser adotadas como forma de manter a empresa e suas obrigações. São ações que muitas vezes são difíceis de serem tomadas pelos gestores, mas necessárias, para que a empresa consiga passar por esse período e retorne a crescer superando os desafios encontrados, tornando-os aprendizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crises atingem todos os setores, inclusive o calçadista, que é classificado como de consumo cíclico. São eventos que influenciam o ambiente macroeconômico e que não são possíveis de se prever em questão de tempo e amplitude de gravidade, mas entende-se que são possíveis e prováveis que aconteçam.

Desta forma, esta pesquisa se propôs analisar os impactos econômico-financeiros e sociais oriundos da pandemia do coronavírus nas empresas do setor calçadista do Vale do Paranhana/RS. Além disso, buscou-se identificar as medidas tomadas pelas empresas e pelo governo, a fim de reduzir tais impactos.

Entre os principais resultados apontados pela pesquisa, no que tange os aspectos econômico-financeiros, identificou-se que 78% das empresas apresentaram redução nos recursos de caixa e contas a receber. Também, 89% das empresas relataram redução nas receitas e, conseqüentemente, nos lucros, bem como cancelamentos de pedidos e devoluções. Além disso, todas as empresas reconheceram um aumento nos custos e escassez de matéria-prima.

A reserva emergencial de caixa foi verificada em 78% das empresas, demonstrando uma gestão financeira eficiente em relação as previsões de crises ou contingências. Mas, mesmo possuindo uma reserva emergencial, 56% das empresas tiveram que aderir a empréstimos financeiros, que representaram para 40% dessas empresas um comprometimento de 20% a 30% da geração líquida de caixa.

Com relação aos impactos sociais, no que tange os colaboradores e seus benefícios, observou-se que todas as empresas necessitaram aderir ao Benefício Emergencial (BEm), sendo que 67% optou pela redução parcial da jornada de trabalho. No entanto, mesmo com esta adesão

ao BEm, 89% das empresas tiveram um aumento nas demissões, sendo que o período mais crítico foi de janeiro/2020 a maio/2020, com uma redução de 28% no quadro de funcionários. Os benefícios concedidos aos funcionários foram mantidos em 67% das empresas analisadas.

Alterações no processo produtivo, como a fabricação de máscaras, por exemplo, bem como o aumento da presença digital através de *e-commerce* e adoção a paralisação das atividades, estão entre as estratégias utilizadas por 67% das empresas. Além disso, todas as empresas anteciparam as férias dos funcionários.

Das medidas de apoio implementadas pelo governo, o BEm teve a adesão de todas as empresas, seguido do adiamento do pagamento de tributos (56%). Já as linhas de crédito disponibilizadas foram aderidas somente por 22% das empresas.

Ainda, constatou-se que 67% das empresas já consideram o plano de contingência como uma alternativa para minimizar efeitos de crises futuras, como uma pandemia ou mesmo uma crise econômica global ligada a outros fatores.

Por fim, entende-se que o presente estudo atingiu seus objetivos, na medida que identificou os impactos econômico-financeiros e sociais decorrentes da pandemia do coronavírus nas indústrias calçadistas do Vale do Paranhana/RS.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS.

Relatório setorial indústria de calçados. 2019. Disponível em:

<<http://abicalcados.com.br/publicacoes>>. Acesso em 23 mar. 2020.

AMARAL, Aline Maria; JESUS, José Sérgio de; COSTA, Nylander Nunes. Uma análise do impacto do Coronavírus na economia mundial e brasileira. **Negócios em Projeção**, v. 11, n. 1, p. 200-204, 2020.

ASSINTECAL - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE COMPONENTES PARA COURO, CALÇADOS E ARTEFATOS. **Panorama econômico.** 2020. Disponível em: <<https://www.assintecal.org.br/panorama-economico>>. Acesso em 23 mar. 2020.

BBC - BRITISH BROADCASTING CORPORATION. **Coronavírus:** Economia global vai sofrer anos até se recuperar do impacto da pandemia, afirma OCDE. Disponível Em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52002332>>. Acesso em 27 mar. 2020.

CAMPELLO, Murillo; GRAHAM, John R.; HARVEY, Campbell R. The real effects of financial constraints: Evidence from a financial crisis. **Journal of Financial Economics**, v. 97, n. 3, p. 470-487, 2010.

CECCHETTI, Stephen G.; SCHOENHOLTZ, Kermit L. Contagion: Bank runs and COVID-19. **Economics in the Time of COVID-19**, v. 77, 2020.

CODACE - COMITÊ DE DOTAÇÃO DE CICLOS ECONÔMICOS. **O comitê**. Disponível em: <http://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumChannelId=4028808126B9BC4C0126BEA1755C6C93>>. Acesso em 26 mar. 2020.

CODACE - COMITÊ DE DATAÇÃO DE CICLOS ECONÔMICOS. **Comunicado de Datação de Ciclos Mensais Brasileiros** – Out/2017. Rio de Janeiro, 30 Out. 2017.

Disponível em:

<https://portalibre.fgv.br/data/files/F3/C1/F8/E8/A18F66108DDC4E66CA18B7A8/Comite%20de%20Data__o%20de%20Ciclos%20Econ_micos%20-%20Comunicado%20de%2030_10_2017%20_1_.pdf>. Acesso em 26 mar. 2020.

CNI – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Propostas da indústria para atenuar efeitos da crise**. 2020. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/bucket-gw-cni-static-cms-si/portaldaindustria/noticias/media/filer_public/26/d0/26d0ec46-5832-458c-9063-391787f7aad2/propostas_da_industria_contra_a_crise.pdf>. Acesso em 24 mar. 2020.

CNI – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Principal problema da pandemia foi a queda na receita**. 2020. Disponível em:

<<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondesp-77-impactos-da-covid-19-na-industria/>>. Acesso em 23 mar. 2021.

DE QUEIROZ MACHADO, Diego et al. A crise financeira mundial e seus impactos no setor calçadista. **Pensamento & Realidade**, v. 27, n. 3, 2012.

EISENHARDT, K. M. Building Theories from Case Study Research. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

FERREIRA JUNIOR, Reynaldo Rubem; SANTA RITA, Luciana Peixoto. Impactos da Covid-19 na Economia: limites, desafios e políticas. **Cadernos de Prospecção** – Salvador, v. 13, n. 2, Edição Especial, p. 459-476, abril, 2020.

G20 – GRUPO DOS VINTE. **Cúpula extraordinária dos líderes do G20 - Declaração sobre COVID-19**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/21469-cupula-extraordinaria-dos-lideres-do-g20-declaracao-sobre-covid-19>>. Acesso em: 27 Mar. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GODOY, Denise; ESTIGARRIBIA, Juliana; FLACH, Natália; CAETANO, Rodrigo. Quem vai salvar a economia do coronavírus? **Revista Exame**, 26 mar. 2020. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/quem-vai-salvar-a-economia/>> Acesso em: 27 Mar. 2020.

GUIDOLIN, Silvia Maria; COSTA, Ana Cristina Rodrigues da; ROCHA, Érico Rial Pinto da. **Indústria calçadista e estratégias de fortalecimento da competitividade**. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PIB a preços de mercado (%), 4º trimestre 2020**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=destaques&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=pib#evolucao-taxa>. Acesso em: 21 abr. 2021.

JOHNS HOPKINS - Centro de Ciência e Engenharia de Sistema da Universidade de (EUA). **Tracking the Wuhan Coronavirus**. Disponível em: <<https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>> Acesso em 28 mar. 2020.

KEYNES, John Maynard. The supply of gold. **The Economic Journal**, v. 46, n. 183, p. 412-418, 1936.

LOPES, Herton Castiglioni. O setor calçadista do Vale dos Sinos/RS: um estudo a partir do modelo estrutura-conduta-desempenho. **Revista de Economia**, 2014.

HENRIQUES, Luiz Felipe Restum. **A análise da competitividade da indústria calçadista do Vale dos Sinos**: uma aplicação da metodologia de Michel Porter. 1999. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas/SP (Brasil), 1999.

HUBBARD, R. Glenn; O'BRIEN, Anthony Patrick. **Introdução à Economia**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

KAPPEL, Rodrigo da Silveira. **Decisão de investimento**: impactos da restrição financeira e das crises econômicas. 2017. Tese de Doutorado em Ciências Contábeis Unisinos, 2017.

MANKIWI, N. Gregory. **Introdução a Economia**. 5. Ed. São Paulo: Cengage, 2009.

MILLER, José Luis Clavellina. **Posibles efectos del Coronavirus en la economía mundial**. Instituto Belisario Domínguez, n. 75, Mar. 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Nota informativa** – Revisão das Projeções de crescimento do PIB. 2020a. Disponível em: <<http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/notas-informativas/2020/nota-revisao-pib-coronavirus.pdf/view>>. Acesso em 28 Mar. 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Boletim das medidas tomadas em função da Covid-19 nº 1**, de 24 de março de 2020. 2020b. Disponível em: <<http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/boletins/covid-19/boletim-covid-19-no-1-de-24-de-marco-de-2020.pdf/view>>. Acesso em 28 Mar. 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Boletim das medidas tomadas em função da Covid-19 nº 2**, de 25 de março de 2020. 2020c. Disponível em: <<http://www.economia.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/boletins/covid-19/boletim-covid-19-no-2-de-25-de-marco-de-2020.pdf/view>>. Acesso em 28 Mar. 2020.

conteudos/publicacoes/boletins/covid-19/boletim-das-medidas-tomadas-em-funcao-da-covid-19-no-2-de-25-de-marco-de-2020.pdf/view>. Acesso em 28 Mar. 2020.

NUNES, Ivanil. **Contexto Econômico**. São Paulo: Editora SENAC, 2020.

PANDINI, Jardel; STÜPP, Diego Rafael; FABRE, Valkyrie Vieira. Análise do impacto das variáveis macroeconômicas no desempenho econômico-financeiro das empresas dos setores de Consumo Cíclico e Não Cíclico da BM&FBovespa. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 17, n. 51, 2018.

REUTERS. As respostas da política econômica global à pandemia do coronavírus. **Revista Exame**, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/respostas-da-politica-economica-global-a-pandemia-do-coronavirus/>> Acesso em 28 Mar. 2020.

ROGOFF, Kenneth S.; REINHART, Carmen M. **Oito Séculos de Delírios Financeiros: desta vez é diferente**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2010.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Pequenos negócios sustentam a geração de emprego no início de 2019**. 2019. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/v/index.jsp?vnextoid=25d42697f2639610VgnVCM1000004c00210aRCRD&vnextfmt=default>>. Acesso em 03 mar. 2019.

SILVEIRA, Daniel Barile; MARQUES, Ana Paula Lemos Baptista. O impacto do coronavírus (covid 19) no Brasil para a ordem econômica, as políticas urbanas e sua integração. **Revista de Direito da Cidade**, v. 13, n. 2, p. 662-677, 2021.

VON MENGDEN, Paulo Roberto de Aguiar (Org.). **Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional da Região do COREDE Paranhana Encosta da Serra 2015-2030**. Taquara: COREPEDES, 2017.